

**DISCURSO SOBRE OS MOTIVOS QUE DEVEM NOS
ENCORAJAR ÀS CIÊNCIAS**

***DISCOURS SUR LES MOTIFS QUI DOIVENT NOUS
ENCOURAGER AUX SCIENCES***

**CHARLES-LOUIS DE SECONDAT,
BARÃO DE MONTESQUIEU**

TRADUÇÃO DE IGOR MORAES SANTOS*

Texto original: MONTESQUIEU. Discours sur les motifs qui doivent nous encourager aux sciences. In: *Oeuvres Complètes de Montesquieu*. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1879, t. VII, p. 76-82.¹

¹ Além dessa edição, consultou-se também *Oeuvres de Montesquieu*. Paris: Plassan, Bernard, et Grégoire, de L'Imprimerie de Plassan, 1796, t. IV, p. 298-304 e, ademais, cotejou-se com a tradução inglesa, Discourse on the motives that ought to encourage us to the sciences. Trans. Diana Schaub *The New Atlantis*, n. 19, p. 35-63, inverno 2008. Disponível em <<https://www.thenewatlantis.com/publications/the-motives-that-ought-to-encourage-us-to-the-sciences>>. Acesso em 24 jun. 2020.

* Doutorando e Mestre em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Direito Público pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Editor-chefe da Revista do Centro Acadêmico Afonso Pena (CAAP). Advogado. E-mail: santosigormoraes@gmail.com.

DISCURSO SOBRE OS MOTIVOS QUE DEVEM NOS ENCORAJAR ÀS CIÊNCIAS

Pronunciado em 15 de novembro de 1725

A diferença que existe entre as grandes nações e os povos selvagens é que aquelas se aplicaram às artes e às ciências, e que estes as negligenciaram totalmente. Talvez seja ao conhecimento que elas dão que a maioria das nações deve a sua existência. Se tivéssemos os costumes dos selvagens da América, duas ou três nações da Europa logo devorariam todas as outras; e talvez algum outro povo conquistador de nosso mundo se vangloriaria, como os iroqueses², de ter devorado setenta nações.

Mas sem falar dos povos selvagens, se um Descartes tivesse vindo ao México ou ao Peru cem anos antes de Cortez ou Pizarro, e tivesse ensinado a esses povos que os homens, compostos como eles são, não podem ser imortais; que as molas da sua máquina se desgastam, como as de todas as máquinas; que os efeitos da natureza são apenas uma consequência de leis e de comunicações do movimento, Cortez, com um punhado de pessoas, não teria jamais destruído o império do México, nem Pizarro aquele do Peru³.

Quem poderia dizer que essa destruição, a maior da qual a história jamais falou, não foi mais que um simples efeito de ignorância de um princípio de filosofia? Isso é verdadeiro, entretanto, e eu vou provar. Os mexicanos não tinham quaisquer armas de fogo; mas eles tinham arcos e flechas, quer dizer, tinham as armas dos gregos e dos romanos; eles não tinham o ferro; mas tinham as pederneiras,⁴ que cortam como fogo, e que eles colocavam na ponta de suas armas. Eles até tinham uma coisa excelente para a arte militar, que era fazer as suas fileiras muito apertadas; e assim que um soldado era morto, ele era imediatamente substituído por outro.

² Grupo nativo da América do Norte. (N.T.)

³ Astecas e incas, respectivamente. (N.T.)

⁴ Sílex, rocha sedimentar silicatada, de grande dureza, que, afiada em pontas agudas, era utilizada em armamentos antigos. (N.T.)

Eles tinham uma nobreza generosa e intrépida que, superior aos princípios daquela da Europa, inveja o destino daqueles que morrem pela glória. Além disso, a vasta extensão do império deu aos mexicanos mil meios de destruir os estrangeiros, supondo que eles não pudessem derrotá-los. Os peruanos tinham as mesmas vantagens; e mesmo onde quer que se defendessem, onde quer que lutassem, faziam-no com sucesso. Os espanhóis chegaram inclusive a pensar que seriam exterminados por pequenos povos que resolviam se defender. Como então eles⁵ foram tão facilmente destruídos? É que tudo o que lhes parecia novo – um homem barbudo, um cavalo, uma arma de fogo – era para eles o efeito de um poder invisível, ao qual se julgavam incapazes de resistir. A coragem não faltou nunca aos americanos, mas somente a esperança do sucesso. Assim, um mau princípio de filosofia, a ignorância de uma causa física, adormeceu em um momento todas as forças de dois grandes impérios.

Entre nós, a invenção da pólvora deu uma tão medíocre vantagem à nação que a utilizou primeiro, que ainda não se determinou qual gozou dessa vantagem. A invenção da luneta auxiliou apenas uma vez os holandeses. Nós aprendemos a considerar em todos esses efeitos apenas um mecanismo puro e, por isso, não há artifício que não estejamos em condição de eludir por um artifício.

As ciências são, portanto, muito úteis, pois curam os povos de preconceitos destrutivos; mas, como podemos esperar que uma nação que uma vez as tenha cultivado sempre as cultivará o suficiente para não cair em um grau de grosseria e de ignorância que pode causar sua ruína, falaremos dos outros motivos que devem nos engajar a aplicarmos-nos a elas.

O primeiro é a satisfação interior que se sente quando se vê aumentar a excelência de seu ser e que torna mais inteligente um ser inteligente. O segundo é uma certa curiosidade que todos os homens têm e que nunca foi tão razoável quanto neste século. Ouvimos dizer todos os dias que os limites dos conhecimentos dos homens acabam de ser infinitamente estendidos, que os sábios estão surpresos por se encontrarem tão sábios, e que a grandeza do sucesso às vezes lhes fazem duvidar da verdade do sucesso: não tomamos alguma parte nessas boas notícias? Sabemos que o espírito humano foi muito longe: não veremos até onde ele esteve, o

⁵ Os mexicanos e os peruanos.

caminho que fez, o caminho que resta a fazer, os conhecimentos de que se congratula⁶, aqueles que ambiciona, aqueles que se desespera em adquirir?

Um terceiro motivo que nos deve encorajar às ciências é a esperança bem fundada de ter sucesso. O que torna as descobertas deste século tão admiráveis não são as verdades simples que foram encontradas, mas os métodos para encontrá-las; não é uma pedra para o edifício, mas os instrumentos e as máquinas para construí-lo inteiro.

Um homem vangloria-se de ter ouro; um outro vangloria-se de saber fazê-lo: certamente o verdadeiramente rico seria aquele que sabe fazer ouro.

Um quarto motivo é a nossa própria felicidade. O amor ao estudo é quase em nós a única paixão eterna; todas as outras nos deixam à medida que essa miserável máquina que nos dá elas se aproxima de sua ruína. A ardente e impetuosa juventude, que voa de prazeres em prazeres, pode às vezes nos dar eles puros, porque antes que tivéssemos tempo de sentir os espinhos de um, ela nos faz gozar de outro. Na idade que a segue, os sentidos podem nos oferecer voluptuosidades, mas quase nunca prazeres. É então que sentimos que nossa alma é a principal parte de nós mesmos; e, como se a corrente que a prende aos sentidos estivesse rompida, somente nela estão os prazeres, mas todos independentes.

Se nesse tempo da vida não damos à nossa alma ocupações que a convém, essa alma, feita para ser ocupada, e que não está, cai em um tédio terrível que nos leva à aniquilação; e se, revoltados contra a natureza, persistimos em buscar prazeres que não são feitos para nós, eles parecem fugir de nós à medida que deles nos aproximamos. Uma juventude exultante triunfa sobre a sua felicidade, e insulta-nos sem cessar; como ela sente todas as suas vantagens, ela nos faz senti-las; nas assembleias mais animadas toda alegria é para ela, e para nós os lamentos. O estudo nos cura desses inconvenientes, e os prazeres que ele nos proporciona não nos alertam que estamos envelhecendo.

Deve-se ter uma felicidade que nos siga em todas as idades: a vida é tão curta que não se deve contar para nada uma felicidade que não dure tanto quanto nós. A velhice ociosa é o único fardo: em si mesma ela não é, pois se ela nos degrada em um certo mundo, ela nos credencia em outro. Não é o ancião que é insuportável, é o

⁶ Palavra faltante no original (Nota dos editores das *Obras póstumas*).

homem; é o homem que se coloca na necessidade de perecer de tédio, ou de ir de companhia em companhia buscando todos os prazeres.

Um outro motivo que deve nos encorajar a nos aplicar ao estudo é a utilidade que pode tirar a sociedade da qual fazemos parte; podemos agregar, às tantas comodidades que temos, muitas comodidades que não temos ainda. O comércio, a navegação, a astronomia, a geografia, a medicina, a física receberam mil vantagens dos trabalhos daqueles que nos precederam: não é um belo desenho trabalhar para deixar depois nós os homens mais felizes do que fomos?

Não reclamaremos, como um cortesão de Nero, da injustiça de todos os séculos contra aqueles que fizeram florescer as ciências e as artes. *Myron, qui fere hominum anima a ferarumque aere deprehenderat, non invenit haeredem*⁷. Nosso século é talvez tão ingrato quanto qualquer outro; mas a posteridade nos fará justiça e pagará as dívidas da geração presente.

Perdoa-se o negociante rico, quando do retorno de seus navios, por rir da inutilidade de quem o conduzia, como se pela mão, pelos mares imensos. Admite-se que um guerreiro orgulhoso, cheio de honrarias e de títulos, despreze os Arquimedes de nossos dias, que colocaram sua coragem em ação. Os homens que, com desenhos formados, são úteis à sociedade, os homens que a amam, querem muito ser tratados como se dela estivessem encarregados.

Após ter falado sobre as ciências, diremos uma palavra sobre as belas-letas. Os livros de puro espírito, como aqueles de poesia e de eloquência, têm ao menos utilidades gerais; e esses tipos de vantagens são frequentemente maiores que as vantagens particulares.

Aprendemos nos livros de puro espírito a arte de escrever, a arte de formular nossas ideias, de exprimi-las nobremente, vivamente, com força, com graça, com ordem e com essa variedade que relaxa o espírito.

Não há ninguém que não tenha visto em sua vida pessoas que, aplicadas à sua arte, poderiam tê-las levado muito longe, mas que, por falta de educação,

⁷ “Mirão, que quase capturou as almas dos homens e das bestas em bronze, não encontrou um herdeiro.” Frase citada em latim, retirada de *Satíricon* LXXXVIII, 5, de Petrónio, que faz referência ao famoso escultor grego Mirão. O original é ligeiramente diferente da citação de Montesquieu: “Myron, qui paene animas hominum ferarumque aere comprehenderat, non invenit heredem”. Cf. PETRÔNIO. *Satíricon*. Trad. Miguel Ruas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992. (N.T.)

incapazes igualmente de formular uma ideia e de segui-la, perderam toda a vantagem de seus trabalhos e de seus talentos.

As ciências se tocam umas às outras; as mais abstratas conduzem àquelas que são menos, e o corpo das ciências é inteiramente relacionado às belas-lettras. As ciências ganham muito ao serem tratadas de uma maneira engenhosa e delicada; é assim que se lhes remove a secura, que se lhes previne o cansaço, e que se lhes coloca ao alcance de todos os espíritos. Se o Padre Malebranche⁸ tivesse sido um escritor menos encantador, sua filosofia teria permanecido no fundo de um colégio como uma espécie de mundo subterrâneo. Existem cartesianos que nunca leram mais do que os *Mundos* de Fontenelle⁹; esta obra é mais útil que uma obra mais forte, porque é mais séria que a maior parte das pessoas consegue ler.

Não se deve julgar a utilidade de uma obra pelo estilo que o autor escolheu: frequentemente foram ditas gravemente coisas pueris; frequentemente foram ditas brincando verdades muito sérias.

Mas, independentemente das considerações, os livros que recreiam o espíritos das pessoas honestas não são inúteis. Tais leituras são as diversões mais inocentes das pessoas do mundo, pois elas suplementam quase sempre os jogos, as devassidões, as conversas maledicentes, os projetos e as buscas da ambição.

Introdução do tradutor

Montesquieu foi eleito para a Academia Real de Ciências, Belas-Letras e Artes de Bordeaux em 3 de abril de 1716, fundada apenas há alguns anos, em 1712. Logo em 1718 foi eleito diretor da instituição, para um mandato anual. Em 28 de agosto de 1725, foi eleito pela segunda vez¹⁰. Na sessão de abertura de 15 de

⁸ Nicolas Malebranche (1638-1715), filósofo e padre oratório francês. (N.T.)

⁹ *Entretiens sur la pluralité des mondes* [Conversações sobre a pluralidade dos mundos], escrito por Fontenelle (1657-1757) e publicado pela primeira vez em 1686. (N.T.)

¹⁰ Esse fato repetir-se-ia em outras duas ocasiões, 1735 e 1748, este último também o ano de publicação da mais famosa obra de Montesquieu, *O espírito das leis*. No total, foi diretor da Academia quatro vezes.

novembro daquele ano, Montesquieu pronunciou o *Discurso sobre os motivos que devem nos encorajar às ciências*¹¹, publicado postumamente junto às obras completas do autor.

Esse texto é uma das várias apresentações orais proferidas na Academia bordelesa durante o período que dela fez parte, até o ingresso na Academia francesa, em Paris, em 1728. À exceção de um discurso no primeiro ano, dedicado a uma reflexão sobre o papel político da religião entre os romanos, as exposições acadêmicas foram marcadas por um alinhamento aos interesses científicos predominantes entre os seus pares, tendo por objeto questões de ciência natural: discurso sobre o eco (1718), sobre as glândulas renais (1718), sobre a causa da transparência dos corpos (1720), entre outros¹². O *Discurso sobre os motivos que devem nos encorajar às ciências*, por sua vez, situa-se ao lado desses textos, mas dialoga com questões afins às futuras grandes obras de Montesquieu.

Nos primeiros parágrafos, o Barão de La Brède compara diversas características dos impérios americanos ao tempo do início do domínio espanhol com os europeus. A conclusão sugerida é que os ameríndios não eram inferiores aos colonizadores, em especial, do ponto de vista natural, como era comumente difundido naquela época. Por exemplo, desenvolveram práticas e tecnologias militares tão eficientes quanto as europeias e, em muitos aspectos, eram inclusive superiores. No entanto, os astecas e os incas foram subjugados. Montesquieu, então, pergunta-se sobre as causas da queda, como tornar-se-ia peculiar ao seu modo de investigação. A razão fornecida por ele é o desconhecimento das leis físicas da natureza, que faziam com que os nativos acreditassem em poderes invisíveis. Diante do novo e do diferente representados pelo europeu, teriam presumido não serem capazes de derrotá-los, e logo esmoreceram. Faltavam-lhes as artes e as ciências. Se um Descartes tivesse irrompido entre eles, não teriam sido destruídos: os princípios cartesianos estão entre as maiores façanhas humanas.

¹¹ *Actes de L'Académie Royale de Sciences, Belles-Lettres et Arts de Bordeaux*. Bordeaux: Charles Lawalle; Paris: Derache, 1847, v. 9, p. 753.

¹² DESGRAVES, Louis. *Montesquieu*. Paris: Mazarine, 1986, p. 94-101; RÉTAT, Pierre. Discours académiques. *Dictionnaire Montesquieu*, Disponível em: <<http://dictionnaire-montesquieu.ens-lyon.fr/fr/article/1376472198/fr/>>. Acesso em 25 jun. 2020; SCHAUB, Diana. Montesquieu's popular science. *The New Atlantis*, n. 20, p. 37-46, primavera 2008. Disponível em: <<https://www.thenewatlantis.com/publications/montesquieus-popular-science>>. Acesso em 25 jun. 2020.

Essas asserções dificilmente passam pelo crivo histórico e antropológico de hoje. Se por um lado Montesquieu realiza um importante afastamento em relação ao determinismo natural, frequentemente aplicado para justificar a superioridade europeia e afiançar uma função positiva para a colonização, por outro, ele permanece atrelado ao preconceito de época ao reduzir as muitas causas possíveis ao simples fator da superstição não removida pela razão científica, já conquistada pelos europeus. Ora, não teria sido também por sua arte e por seu engenho que os iroqueses submeteram dezenas de outros povos? A explicação preferida é, todavia, a lei do comer ou ser comido da natureza selvagem.

Em um esboço do *Discurso*, preservado na forma do *pensée* 1265, Montesquieu observa que, assim como os astecas e os incas, os antigos romanos também viveram momentos de contato com o estranho e inédito. Ocorre que, ao contrário da reação dos americanos, “eles não perderam o espírito como os mexicanos ao avistarem os cavalos”. Aliás, nem mesmo os elefantes lhes amedrontaram: “eles sentiram que tinham a necessidade de uma coragem maior porque o seu inimigo tinha forças maiores”. Então, “atacados de uma maneira nova, procuraram novo meios de se defenderem”¹³.

De todo modo, os europeus provocaram a maior destruição da história, na opinião de Montesquieu, mesmo estando movidos pelas artes e pelas ciências. Elas deveriam eliminar a barbárie, mas, como observa Schaub, os espanhóis e os portugueses não eram vistos como exemplos de povos ilustrados¹⁴. Ainda assim, a vantagem deles sobre os indígenas era, em suma, ter algo de ciência, ao menos a ponto de impedir que se pautassem tanto quanto os nativos por crenças míticas e pelo temor, pois:

Assim, não há nada tão perigoso quanto impactar demasiadamente o espírito do povo com milagres e prodígios. Nada é mais capaz de engendrar preconceitos destrutivos do que a superstição e se às vezes

¹³ MONTESQUIEU. *Pensées* II.1265 (tradução nossa). Cf. DONIER, Carole (ed.), *Montedite*, Édition critique des *Pensées* de Montesquieu. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2013. Disponível em: <<https://www.unicaen.fr/services/puc/sources/Montesquieu/index.php?texte=1265>>. Acesso em 25 jun. 2020.

¹⁴ SCHAUB. Montesquieu's popular science, *op. cit.*

aconteceu de sábios legisladores se servirem dela com vantagem, o gênero humano em geral perdeu com isso muito mais do que ganhou.¹⁵

A continuidade do fragmento, na maior parte não incluído na versão final do *Discurso* ou adicionado com modificações, é elucidativa:

É verdade que os primeiros reis do Peru encontraram uma grande vantagem em se fazerem passar por filhos do sol e que por isso eles se tornaram absolutos sobre seus súditos e respeitáveis aos estrangeiros que se alinharam à inveja sob a sua obediência: mas essas vantagens que os monarcas do Peru tiraram da superstição, a superstição lhes fez perder. A mera chegada dos espanhóis desencorajou os súditos de Alhualpa [sic]¹⁶, e ele mesmo porque lhes pareceram ser uma marca da cólera do sol e do abandono ele fez da nação.

Os espanhóis serviram-se utilmente contra os imperadores do México e do Peru da veneração ou sobretudo do culto interior que seus povos lhe ofereciam; pois, assim que, pelos artifícios mais indignos, eles lhes fizeram prisioneiros, toda a nação foi desencorajada e quase não cogitou mais se defender, acreditando ser inútil opor-se aos deuses irritados.

Montesuma, que poderia ter derrotado os espanhóis na sua chegada, se tivesse tido coragem de empregar a força, ou que poderia mesmo, sem em nada se arriscar, fazê-los morrer de fome, ataca-lhes apenas por meio de sacrifícios e de preces que fará em todos os templos, envia-lhes todos os tipos de provisões e deixa-os tranquilamente fazer ligas e subjugar todos os seus vassallos.

[...]

Como prova do que eu digo é que os espanhóis que foram conquistar o Peru pensaram que seriam exterminados por pequenos povos bárbaros dos quais eles descendiam e se salvariam apenas por uma pronta retirada, após terem sido muito maltratados. Ao contrário, eles não encontraram qualquer resistência no Peru e muito pouco no México, onde a superstição removia desses impérios toda a força que eles poderiam tirar de sua grandeza e de sua polícia.

Os príncipes, por se fazer reverenciar como deus, tinham tornado seus povos estúpidos como bestas, e pereceram pela mesma superstição que acreditaram ter para sua vantagem.

Em quase todos os lugares onde os peruanos se defendiam, eles tinham vantagem sobre os espanhóis: faltavam-lhes, portanto, apenas a esperança do sucesso e serem libertados dos males e da fraqueza do espírito.¹⁷

¹⁵ MONTESQUIEU. *Pensées* II.1265 (tradução nossa). Cf. DONIER, Carole (ed.), *Montedite*, Édition critique des *Pensées* de Montesquieu. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2013. Disponível em: <<https://www.unicaen.fr/services/puc/sources/Montesquieu/index.php?texte=1265>>. Acesso em 25 jun. 2020.

¹⁶ Atahualpa, o último imperador inca.

¹⁷ MONTESQUIEU. *Pensées* II.1265 (tradução nossa). Cf. DONIER, Carole (ed.), *Montedite*, Édition critique des *Pensées* de Montesquieu. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2013. Disponível em: <<https://www.unicaen.fr/services/puc/sources/Montesquieu/index.php?texte=1265>>. Acesso em 25 jun. 2020.

Também parte do final do *pensée* 1263 consiste em um esboço do *Discurso* sobre a relação entre desenvolvimento civilizacional e conhecimento científico:

A única diferença existente entre os povos polidos e os povos bárbaros é que uns são aplicados às ciências, outros a negligenciaram totalmente. É talvez desse conhecimento que temos e que os povos selvagens ignoram, que a maior parte das nações deve sua existência. Se tivéssemos os costumes dos povos da América, duas ou três nações da Europa logo exterminariam ou devorariam todas as outras.¹⁸

Pode ser evidente que a atenção de Montesquieu às causas era uma operação que ainda demandava aperfeiçoamento, mas o objetivo principal aqui é atingido: demonstrar a relevância do conhecimento proporcionado pelas ciências para se enxergar adequadamente a realidade, não sucumbindo às ilusões, aos misticismos e aos medos reproduzidos pelos costumes, pelas tradições e, inclusive, pela religião.

Esse último aspecto é, aliás, um assunto recorrente nas reflexões de Montesquieu. Na *Dissertação sobre a política dos romanos na religião* (1716), admite para a religião o papel político de assegurar os interesses públicos e a estabilidade social, tal como na República romana¹⁹. Nas *Notas sobre Cícero*, comentários marginais a diversos textos ciceronianos, preparatórios para o discurso anteriormente mencionado, as discussões filosóficas de maior interesse têm por alvo a religião antiga e, em vários momentos, deixa entrever uma posição agudamente crítica ao Cristianismo contemporâneo²⁰. O conhecimento científico exsurge, portanto, como o instrumento capaz de combater o misticismo tradicional, esclarecendo o espírito dos homens, desde os saberes mais abstratos até os mais específicos. De fato, para Montesquieu, a razão tem competência “[...] universal; o mundo, diante dela, é inteiriço: um único tecido de causas e efeitos” e a “unidade do mundo tem por

¹⁸ MONTESQUIEU. *Pensées* II.1263 (tradução nossa). Cf. DONIER, Carole (ed.), *Montedite*, Édition critique des *Pensées* de Montesquieu. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2013. Disponível em: <<https://www.unicaen.fr/services/puc/sources/Montesquieu/index.php?texte=1263>>. Acesso em 25 jun. 2020.

¹⁹ MONTESQUIEU. *Dissertation sur la politique des Romains sur la religion*. In: *Oeuvres de Montesquieu*. Paris: Plassan, Bernard, et Grégoire, de L’Imprimerie de Plassan, 1796, t. IV.

²⁰ MONTESQUIEU. *Notes sur Ciceron*. In: BENÍTEZ, Miguel. *Les années d’apprentissage*. Montesquieu, lecteur de Ciceron, 2012. Disponível em: <http://www.montesquieu.it/biblioteca/Testi/Montesquieu_cic%C3%A9ron.pdf>. Acesso: 25 jun. 2020.

corolário a unidade da ciência”²¹. Diante desse todo mecânico, a ciência vai se lançar na procura pelas causas subjacentes. Essa premissa foi adotada pelo Senhor de La Brède em praticamente todas as suas investigações.

Uma vez reconhecido o peso vital das ciências a partir de um acontecimento histórico de vulto, o desmoronamento dos nativos americanos ante os europeus, Montesquieu deixa os povos despido de artes e de ciências para aqueles nos quais ela já se encontra presente.

Avança para a indicação dos motivos que servem de encorajamento para as pessoas se dedicarem à ciência. Para Rétat, o discurso como um todo não brilha por sua coerência. Alguns dos argumentos empregados são disparatados e incompatíveis. O motivo mais bem desenvolvido é, no fundo, um lugar comum: o amor ao estudo permite uma velhice feliz, quando outros prazeres já não são possíveis²². Não obstante, há méritos. Também é apontado como um motivo os benefícios que a ciência proporciona para a sociedade. As muitas ciências proveem conhecimentos indispensáveis para o bem-estar das pessoas, como as comodidades recentemente conquistadas provam e que podem ser ainda mais ampliadas, enfim, deixar as gerações vindouras mais felizes do que as do presente. Ademais, as ciências que fomentam a ascensão da civilização e também responsável por impedir o declínio da civilização.

Ainda assim, mais do que os resultados dos esforços científicos, Montesquieu atenta-se para o processo, isto é, para o método. Conforme declara, é mais importante saber como produzir o conhecimento do que tê-lo em mãos. Essa é a verdadeira grande conquista da Modernidade e que autoriza a esperança em ser bem-sucedido na empreitada científica. Simultaneamente, ele alerta para a frieza e tecnicidade das ciências. As belas-letas, por meio dos livros de *pur esprit*, ou seja, a poesia, a literatura e mesmo a filosofia, contribuem para tornar os frutos da ciência mais acessíveis às pessoas comuns, não iniciadas. Vale lembrar que essa observação foi feita diante dos membros da Academia, também eles cientistas de variadas áreas

²¹ STAROBINSKI, Jean. *Montesquieu*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 17-18.

²² RÉTAT, Pierre. Discours sur les motifs qui doivent nous encourager aux sciences. *Dictionnaire Montesquieu*, Disponível em: <<http://dictionnaire-montesquieu.ens-lyon.fr/fr/article/1376472612/fr/>>. Acesso em 25 jun. 2020.

e escritores. No último parágrafo é afirmado justamente que coisas importantes podem ser ditas mesmo em tom leve. Talvez assim possam penetrar mais facilmente no cotidiano da sociedade. Como ressalta Schaub:

Montesquieu apropria-se da linguagem religiosa quando convoca os espectadores com a questão retórica: “não tomamos alguma parte nessas boas notícias?” Todos os homens, mesmo os não-cientistas, podem receber a “boa nova” do evangelho da ciência.²³ (tradução nossa)

Com efeito, a vulgarização do conhecimento científico, exemplificado pelo popular livro *Entretiens sur la pluralité des mondes*, de Fontenelle, vulgarizador da metafísica cartesiana, mencionado no discurso, é uma preocupação comum dos *lumières*, vide as obras de Voltaire e o empreendimento da *Encyclopédie* por Diderot e d’Alembert. Se Montesquieu pode ser considerado um iluminista, esta é uma questão complexa que não pode ser enfrentada aqui. O que pode ser desde logo verificado é a existência de elementos favoráveis a essa interpretação, endossada também por outros textos²⁴. O romance *Cartas Persas*, por exemplo, publicado em 1721, introduz apreciações críticas sobre duas culturas distintas, a europeia e a oriental, sob a forma de correspondências de dois viajantes persas em visita à França. A adoção de uma história ficcional para tratar de temas relevantes como o poder absoluto e a liberdade, permite não apenas ao autor esquivar-se de acusações e censuras, mas também acessar um público mais amplo do que o típico leitor de tratados filosóficos. Nem sempre a sociedade reconhecerá os empenho de tais artífices, mas são esforços que acredita indispensáveis.

Esses outros escritos, lidos conjuntamente com o *Discurso sobre os motivos que devem nos encorajar às ciências*, esboçam um Montesquieu que pleiteia a autonomia do pensamento, incentiva a busca do conhecimento e coloca esses princípios como missões fundamentais do homem moderno. Assim como exorta os seus ouvintes do *Discurso*, ele próprio se dedicou a colher a felicidade e os prazeres proporcionados

²³ SCHAUB. Montesquieu’s popular science, *op. cit.*

²⁴ Ver, entre outros, SHARPE, Matthew. *Cicero, Voltaire and the Philosophes in the French Enlightenment*. In: ALTMAN, William H. F. (ed.). *Brill’s companion to the reception of Cicero*. Leiden: Brill, 2015; SANTOS, Antônio Carlos dos. A Filosofia e o filosofar francês no século XVIII. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 84-95, 2010, VOLPILHAC-AUGER, Catherine. *La tentation de l’éditeur: Montesquieu annotateur de Cicéron. Astérior*, n. 11, 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/asterion/2444>>. Acesso em 25 jun. 2020; GAY, Peter. *The Enlightenment: an interpretation. The rise of modern paganism*. New York: Alfred E. Knopf, 1967.

pelos estudos, ainda antes da senioridade. As letras são fonte da juventude, pois, ao legar as ideias e as palavras para os homens do futuro, não somente os tornou mais felizes, como também encontrou a eternidade.

Referências

Actes de L'Académie Royale de Sciences, Belles-Lettres et Arts de Bordeaux. Bordeaux: Charles Lawalle; Paris: Derache, 1847, v. 9.

BENÍTEZ, Miguel. *Les années d'apprentissage: Montesquieu, lecteur de Cicéron*, 2012. Disponível em: <http://www.montesquieu.it/biblioteca/Testi/Montesquieu_cic%C3%A9ron.pdf>. Acesso: 25 jun. 2020.

DESGRAVES, Louis. *Montesquieu*. Paris: Mazarine, 1986.

GAY, Peter. *The Enlightenment: an interpretation. The rise of modern paganism*. New York: Alfred E. Knopf, 1967.

MONTESQUIEU. Discourse on the motives that ought to encourage us to the sciences. Trans. Diana Schaub *The New Atlantis*, n. 19, p. 35-63, inverno 2008. Disponível em <<https://www.thenewatlantis.com/publications/the-motives-that-ought-to-encourage-us-to-the-sciences>>. Acesso em 25 jun. 2020.

MONTESQUIEU. *Oeuvres Complètes de Montesquieu*. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1879, t. VII, p. 76-82.

MONTESQUIEU. *Oeuvres de Montesquieu*. Paris: Plassan, Bernard, et Grégoire, de L'Imprimerie de Plassan, 1796, t. IV, p. 298-304.

MONTESQUIEU. *Pensées*. Cf. DONIER, Carole (ed.), *Montedite*, Édition critique des *Pensées* de Montesquieu. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2013. Disponível em: <<https://www.unicaen.fr/services/puc/sources/Montesquieu/index.php?texte=1265>>. Acesso em 25 jun. 2020.

RÉTAT, Pierre. Discours académiques. *Dictionnaire Montesquieu*, Disponível em: <<http://dictionnaire-montesquieu.ens-lyon.fr/fr/article/1376472198/fr/>>. Acesso em 25 jun. 2020.

RÉTAT, Pierre. Discours sur les motifs qui doivent nous encourager aux sciences. *Dictionnaire Montesquieu*, Disponível em: <<http://dictionnaire-montesquieu.ens-lyon.fr/fr/article/1376472612/fr/>>. Acesso em 25 jun. 2020.

SANTOS, Antônio Carlos dos. A Filosofia e o filosofar francês no século XVIII. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 84-95, 2010, SCHAUB, Diana. Montesquieu's popular science. *The New Atlantis*, n. 20, p. 37-46, primavera 2008. Disponível em: < <https://www.thenewatlantis.com/publications/montesquieus-popular-science>>. Acesso em 25 jun. 2020.

SHARPE, Matthew. *Cicero, Voltaire and the Philosophes in the French Enlightenment*. In: ALTMAN, William H. F. (ed.). *Brill's companion to the reception of Cicero*. Leiden: Brill, 2015.

STAROBINSKI, Jean. *Montesquieu*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VOLPILHAC-AUGER, Catherine. *La tentation de l'éditeur: Montesquieu annotateur de Cicéron*. *Astérian*, n. 11, 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/asterion/2444>>. Acesso em 25 jun. 2020.